

**FERNANDO FERREIRA
DO BENFICA**

campeão regional dos
110 metros barreiras
(foto Nunes d'Almeida)



Stadium

N.º 36 ★ 11 DE AGOSTO DE 1943

FOI publicado, há dias, o anunciado regulamento geral da Direcção de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar.

Não é a primeira vez que se publica uma lei ou disposição que abranja a acção das agremiações de desporto, quanto ao objectivo que constitue a sua razão de ser. Mas é o primeiro regulamento que trata exclusivamente de desportos e das colectividades que vivem para a sua prática e expansão. Bastaria esse facto para dar realce ao estatuto agora publicado. Há, todavia, outro aspecto mais importante — aquele que respecta à intervenção directa do Estado na orientação e disciplina de actividades que lhe interessam grandemente.

De uma causa em que havia sómente, a bem dizer, a iniciativa particular, com suas virtudes e com seus excessos e defeitos, passou-se, com a criação da Direcção Geral de Desportos e com a promulgação do novo regulamento, para uma causa que ao Estado convém proteger, desenvolver e disciplinar, de molde a integrar a sua acção dentro dos superiores interesses da nacionalidade, com vista à educação física, moral e social da mocidade extra escolar. Este é, parece-nos, o objectivo principal do citado regulamento. A sua publicação marca uma nova fase no movimento desportivo.

Criada no ano findo, com um alto pensamento educativo, a Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar faltava fazer a sua regulamentação em pormenor. O novo regulamento é, pois, o complemento da obra principiada há meses. Muitas das suas disposições são, no fundo, a expressão legal de várias instruções postas em vigor desde que o sr. tenente coronel Salvação Barreto assumiu o elevado cargo de Director Geral de Desportos. Ficou deste modo concluída a legislação em que assenta o trabalho de cooperação entre as agremiações desportivas e o Estado, por intermédio da Direcção Geral em referência.

Não se destinam estes comentários à análise do regulamento, mas ao registo da sua publicação. Anotamos com aprazimento esta nova medida governativa. Dentro do pensamento largamente expresso pelo ilustre Director Geral de Desportos, estes deixaram de ser «obra de rapazes», para passar à categoria de coisa séria, que tem de ser dirigida com a noção exacta do valor que representa e dos perigos que oferece. Era preciso meter o movimento desportivo em moldes que assegurassem melhor o seu objectivo, sem prejuizo da sua expansão. Bem andaram, pois, o Director Geral de Desportos e o Ministro da Educação Nacional — publicando o novo estatuto.

E nós esperamos e desejamos que elle contribua para a valorização e dignificação do desporto.

DISPUTOU-SE, no último domingo, a travessia do Tejo, que a Associação de Natação de Lisboa organiza há anos, com regularidade notável. Independentemente do estilo costumeado, a prova mereceu registo nesta secção, pelas suas características.

A travessia é, de modo geral, a única prova no rio que se efectuou entre nós com um rio esplêndido, não se compenetrando o trajecto a que se votaram as corridas em pleno Tejo. Bem hoje, pois, a Associação de Natação de Lisboa, pelo entusiasmo com que defende a única prova entre as duas margens.

A travessia do Tejo a nado é uma das corridas de mais ricas tradições na natação portuguesa. Foi uma das primeiras provas de fundo que se organizaram em Portugal. Vem de um tempo em que atravessar o rio a nado constituía prova de grande valor. E de uma à outra margem era a aspiração de todos os nadadores. A transformação da travessia em prova individual, disputada em conjunto, deve-se ao Ginásio Clube Português, que prestou nobres serviços à natação desportiva nos anos da sua existência em Portugal. O Clube Naval de Lisboa organizou, mais tarde, duas vezes sucessivas, uma travessia por equípulas, instituindo, para tal efeito, a Liga «Silva Lavral».

As diversas travessias do rio, especialmente as do Ginásio e do Clube Naval, contiveram bastante para a propagação da natação.

CONTINUA o progresso desportivo da provincia. Em cada jornada semanal, há, quasi sempre, mais um facto a assinalar. Este de agora foi o da vitória do Académico, de Braga, nos compromissos de atletismo, na categoria de estrovoantes, disputados no Estádio do Penitente.

Em 11 provas, o Académico bracarense ganhou 7. Os outros títulos ficaram assim distribuídos: Salgueiros, 3; Futebol Clube do Porto, 2. A equipa bracarense somou 34 pontos, no conjunto de todas as provas.

EM todos os países continua, mais ou menos, a actividade desportiva, a despeito das vicissitudes provenientes pela guerra. E alguns d'elles mantêm, até, com certa regularidade, competições de carácter internacional.

Num grande diário, encontramos, há dias, a seguinte série de provas desta categoria: Suécia-Hungria, em atletismo; Suécia-Hungria, em natação; Dinamarca-Hungria, em «box», amador; e Suécia-Hungria, em «volley». A Suécia trouxe ainda em disputa campeonatos internacionais de «tennis».

NAS meias-finais dos campeonatos de Paris, em «tennis», o famoso jogador Cochet bateu Marcel Bernard. Ambos são antigos tenistas. O público português já os viu, em Cascais, há anos. A renomeação dos valores desportivos em França parece ficar para o «pós-guerra». Os tempos vão maus para a mocidade.

O «Lidador» foi já entregue à «Mocidade Portuguesa», para um curso de marinharia. Procura-se, pois, a propagação dos desportos náuticos entre a gente nova.

ANO XI — Lisboa, 11 de Agosto de 1943 — II SÉRIE-N.º 36

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIÉDDE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19.3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

EM Coimbra oprimida a registar-se o progresso dos nadadores locais. Na primeira sessão dos respectivos compromissos aquáticos, Luis Lopes da Conceição, do Santa Clara, bateu o ergador regional — os 100 metros livres, fazendo 1 m 9 s, e 3/5. Na segunda jornada melhorou os recordes dos 200 metros livres e dos 100 metros costas. Lopes da Conceição, muito novo ainda, é um nadador em franca subida de forma.

Pelos resultados lêmicos vindos a público, é de esperar que a representação de Coimbra, nos próximos campeonatos nacionais, consiga alguma surpresa. Emoção e entusiasmo não faltarão por certo. Haverá mais equilíbrio de valores. É assim que se progride — e que se faz progredir.

NUMA visita recente a Beja, ficámos com a impressão de que o campo de jogos aproveitado pelo Lusitano Sporting Club, na verificação do cidade, corria o risco de ser expropriado, por se encontrar numa zona para onde se está a alargar Beja. Agradecemos por isso a noticia de que a escola do Baixo Alentejo vai ser dotada com um estádio.

PELA primeira vez, segundo supomos, vai o Sport Lisboa e Benfica organizar, logo que termine o período de férias, um torneio de futebol, entre sócios e simpatizantes do popular clube. Com este torneio, procuramos divertir gente do Sport Lisboa facilitar o recrutamento de jogadores para as equipas que o hão de representar nos próximos campeonatos.

É uma ideia curiosa, que pode ser muito útil.

PUBLICADO o regulamento geral da Direcção Geral de Desportos, não começa as assembleias gerais dos clubes dedicados ao futebol. O período de férias, nos clubes de desporto, varia conforme a modalidade a que cada agremiação se dedica em especial.

Os clubes tomam geralmente como ponto de partida, para assembleias e reuniões, a necessidade de ter novos directores — quando principia nova época no desporto preferido.

OS fustigados do ciclismo, na pista do Estádio do Lumiar, têm continuado a despertar entusiasmo no público. A assistência em fazer provas de pista vai produzindo excellentes resultados. É preciso prosseguir. Nada se consegue sem propaganda — e sem entusiasmo.

Os corredores trabalham — e trabalham. E isso quer dizer que o ciclismo se movimenta, mesmo sem corridas em estrada.

No último domingo apresentaram-se alguns corredores, no Estádio do Lumiar, com o «casaco» de protecção para corridas de pista. Mas só um o manteve durante as provas. Os outros limitaram-se a aproveitá-lo, nas «volta» de apresentação ao público.

EM alguns desportos têm-se deslocado os focos de actividade: no «hockey» em patins, os grandes rios de agora são o Futebol Benfica e o Paço de Arros. O Sport Lisboa e Benfica consprou o lugar de honra em patinagem. Mas o rival da época em curso é o Dramático de Cascais, especialmente à custa de um patinador que é um verdadeiro campeão. A patinagem artística tem os seus níveis de maior valor no Alentejo e no Campo de Ourique.

Com a sucessão dos anos mudam-se por vezes as condições. São oscilações de valor em face do tempo que corre...

AS obras de ampliação e conclusão do campo de jogos do Sport Lisboa e Benfica encontram-se pendentes do aluguer de um lote de terrenos, na direcção da «ameda das Linhas de Torres». A Câmara Municipal de Lisboa resolveu já o caso, celebrando-se há dias o respectivo contrato de arrendamento.

Nos terrenos adquiridos agora vão ser instaladas as «rectas» para treinos de futebol, pista para atletismo, campo de «basket», «courts» de «tennis», etc. O Sport Lisboa e Benfica prepara-se, pois, para ter um dos nossos melhores parques de jogos.

ATLETISMO

Análise à exibição dos atletas nortenhos

nos Campeonatos Nacionais de Júniores

A pesar do «eclipse» que o atletismo português sofreu, e que teve como consequência uma tardia abertura da época, ficou amplamente demonstrado que o entusiasmo pela mais salutar de todas as modalidades desportivas não morreu na nossa cidade — de gloriosas tradições na história do atletismo nacional. A admirável pista do Lima teve a moldura-lá farta assistência e registou a presença de numerosos atletas nortenhos, que, se não foram totalmente felizes e se não actuaram dentro das suas possibilidades, garantiram pelo menos — e isso é o mais importante — a existência de um conjunto de rapazes com condições para figurarem em primeiro plano no atletismo português.

Dos quinze títulos só dois ficaram entre nós — altura e 1.000 metros — por intermédio do F. C. do Pôrto e Académico, que os souberam conquistar com brio. E se é certo que a nossa representação não tinha direito a mais largas aspirações na conquista de títulos, certo é também que não ocupou os lugares secundários que era lógico esperar-se, dada

BOATOS...

NÃO sabemos bem como classificar a tendência, que se revela em todas as épocas no meio desportivo, para levantar, a propósito de tudo e de nada, uma série de atoardas, qual delas a mais curiosa e extraordinária.

Se bem que a existência da atoarda ou do boato seja coisa que ocorre somente nos meses que vão desde o encerramento de uma época de futebol ao começo da outra, o certo é que isto acontece periodicamente, infalivelmente, no suceder dos anos, tal qual ocorre com as estações do ano e as fases da lua...

De ano para ano, esse amigo dos diabos, saindo da caixa das invenções fantasmagóricas, inventa cada «novidade» que é de se lhe tirar o chapéu...

Há dias, não sabemos como nem porque, os meios desportivos da cidade foram abalados nos seus alicerces com a notícia de uma transferência fenomenal: a passagem para a capital de certo elemento muito categorizado de um dos mais importantes clubes do Pôrto.

Quem seria? Sancho? Pedro? Martinho? É ela que todos se entregavam à solução deste original «quebra-cabeças», que, para muitos, era mais irredutível do que as vulgaríssimas «palavras cruzadas».

Os edipistas desportivos, por fim, chegaram a uma solução, isto é, de que se tratava de um avançado de largos recursos, de nome feito, alvivo e alodial, como qualquer terreno para trespassar...

Mas o nome? Quem seria? Quem será? O «X» do problema continua ainda esperando a solução. É possível que não passe de «boato» — mas tanto bastou para movimentar a curiosidade dos nossos amadores charadísticos.

É isto. Razão tínhamos, pois, para dizer que não sabemos como classificar esta doença periódica, que surge no interregno prescrito pelo defeso.

E o que sucede com o futebol, sucede com outras modalidades. Aponta-se também um nome no «basket». Mas se este é conhecido, outro tanto não sucede com as intenções...

«Mentira, tudo mentira?» Talvez não. Mas certamente, «boato, tudo boatos»...

como boa a «bsse» de comparação recolhida nos campeonatos regionais.

Coube à equipa do F. C. do Pôrto o primeiro lugar entre as de representação nortenha, como naturalmente se contava, pois a do Académico, sem o concurso do francês Gerard Alexandry, vinha a perder metade do seu valor. (Nos regionais, só este atleta contribuiu com quasi 50% dos pontos que na classificação geral deram o primeiro lugar ao Académico). Note-se, porém, que os representantes do popular clube da Constituição estiveram manifestamente infelizes, perdendo por isso um 3.º lugar na classificação, a que tinham o direito de aspirar.

Mas não só o F. C. do Pôrto o Académico, como também o Salgueiros e o Académico de Braga, marcaram presença agradável, refinando o mesmo número de pontos; sobretudo o primeiro, que teve na sua equipa de 300 representantes dignos de aplausos. Por outro lado, o Académico de Braga esteve algo abaixo das suas possibilidades, embora lutasse com ânimo.

Falando dos atletas, individualmente, teremos que nos referir em primeiro lugar a Coutinho Monteiro — um vendedor de jornais — que venceu o quilómetro com um tempo que iguala o máximo nacional. E só isto dizia tudo... Mas há mais: Coutinho venceu empregando uma tática de autêntico campeão — de homem que vai para a pista disposto a conquistar um título e não a bater um *record*. E por isso o seu «temp» tem mais valor, não foi obra de esforço previamente delineado; mas sim absolutamente normal. Quere dizer, se Coutinho Monteiro tivesse orientado os seus treinos no sentido de bater o *record*, e não no de conquistar um título, tinha sem dúvida, baixado o «temp» nacional, porque não lhe faltavam qualidades para isso. E como os seus treinos estavam orientados para o segundo objectivo, o atleta escolheu a melhor tática a tática aconselhável; acompanhar o provável vencedor da prova e jogar, no momento oportuno, a sua *chance*. Foi precisamente o que aconteceu! Certo é, porém, que esta tática podia resultar infrutífera — isto no caso do tal «provável» vencedor estar em má tarde, mas na inteligência do corredor está a obrigação de se aperceber de tal surpresa, se é que houve tempo de se aperceber dela. Seja como for, porém, dada a preparação de Coutinho Monteiro, só a tática que este adoptou está certa: deixar que Manuel Pereira, do Benfica, tomasse andamento enladrado, e seguir calmamente o campeão de Lisboa, Adriano Gomes, também do Benfica, para a duzentos metros da meta jogar a sua *chance*. O lisboeta reagiu, mas aos cem metros cedeu visivelmente «arrazado».

O outro português que conseguiu ganhar um campeonato, foi António Morato, no salto em altura.

Estamos, de facto, na presença de um jovem cheio de qualidades para a especialidade, a que deve dedicar-se em exclusivo, tanto mais que o seu estudo requiere muito carinho e boa-vontade.

Morato consegue actualmente as suas «marcas» mercê das qualidades naturais de que dispõe, e pouco mais. Não é o essencial a um saltador em altura. A sua elevação é apreciável e deve-se à elasticidade dos músculos, mas tecnicamente está muito imperfeito: a chamada «fala» irregularmente e nem sempre no melhor sítio; trata-se de um pormenor muito importante para um

A piscina do Pôrto

DE tempos a tempos, quando surge aqui e ali uma realização prática, quando regiões menos importantes, tanto pelo aspecto demográfico, social e económico, como pelo de centro de educação física e desportos, conseguem — talvez sem tão imperiosa necessidade como no Pôrto — remover dificuldades e obter a sua piscina própria, com mais ou menos requisitos, com maior ou menor categoria, como centro de diversões natatórias ou mesmo mundanas, a imprensa portuguesa volta a agitar a questão da piscina, um sonho azul que se acalenta há largos anos, sem que até hoje, por artes inconcebíveis, tal sonho se tenha tornado realidade.

Todos sabem que as águas do nosso rio são impróprias para a prática da natção, pela enorme quantidade de detritos de toda a ordem que trazem e pelas deficientes ou incompletas instalações das nossas «praias» fluviais.

Há dias, um mero acaso permitiu que soubermos que tal ideia estava em marcha, que existia um ante projecto já elaborado e em mãos de quem de direito e que tudo corria pelo melhor dos mundos. Mas...

Talvez por má compreensão, por entendimento imperfeito do real valor deste melhoramento, ou por se desconhecer o que ele representa, uma entidade — que conhecemos estava a entrar os esforços de alguém que pretendia dispôr do capital imprescindível para materialização desse desejo dos desportistas tripeiros. Era o nosso sistema burocrático a entrar qualquer coisa de belo e grandioso. Entretanto, outra entidade estava envidando ou dirigindo todos os esforços para a remoção do escolho em que o projecto esbarrou, aguardando-se, somente, um despacho a esse respeito.

Não sabemos como é o projecto da obra. Sabemos somente que ela, a decantada piscina, estará situada no centro da cidade, ali a dois passos — um modo de dizer... da «Brasileira», da Batalha, da Trindade, isto é, em pleno centro da cidade. Melhor? Não nos parece possível.

Pois talvez seja, justamente, pela sua centralização que os obstáculos surgem da parte de quem não deveria permitir tais entraves.

Confiamos na acção tenaz e inteligente de uma personalidade de grande relevo oficial na cidade para que, desta vez, tenhamos uma piscina — na qual, de verão ou de inverno, se possa praticar o salutar desporto, talvez o mais belo e o mais humano de todos.

E fiquemos por aqui — porque já estamos a dizer de mais...

altador em altura. Além disso, não transforma convenientemente a velocidade do balanço em força ascensional e ao passar a primeira perna sobre a barra o corpo não executa a rotação indicada para uma perfeita passagem da segunda perna.

Notamos-lhe, igualmente, pouca confiança em si-próprio, e a verdade é que um saltador em altura tem de crer em si. É preciso, mesmo, que um saltador em altura não se estorize com a subida da barra e tenha sempre bem presente na memória a ideia de que pode passar com êxito todas as «marcas». Mas Morato é um jovem — e todos esses pormenores lhe estão ao alcance desde que tenha vontade de estudar e de dedicar-se à especialidade. E a verdade é que os restantes concorrentes, neste capítulo técnico, também lhe não foram superiores...

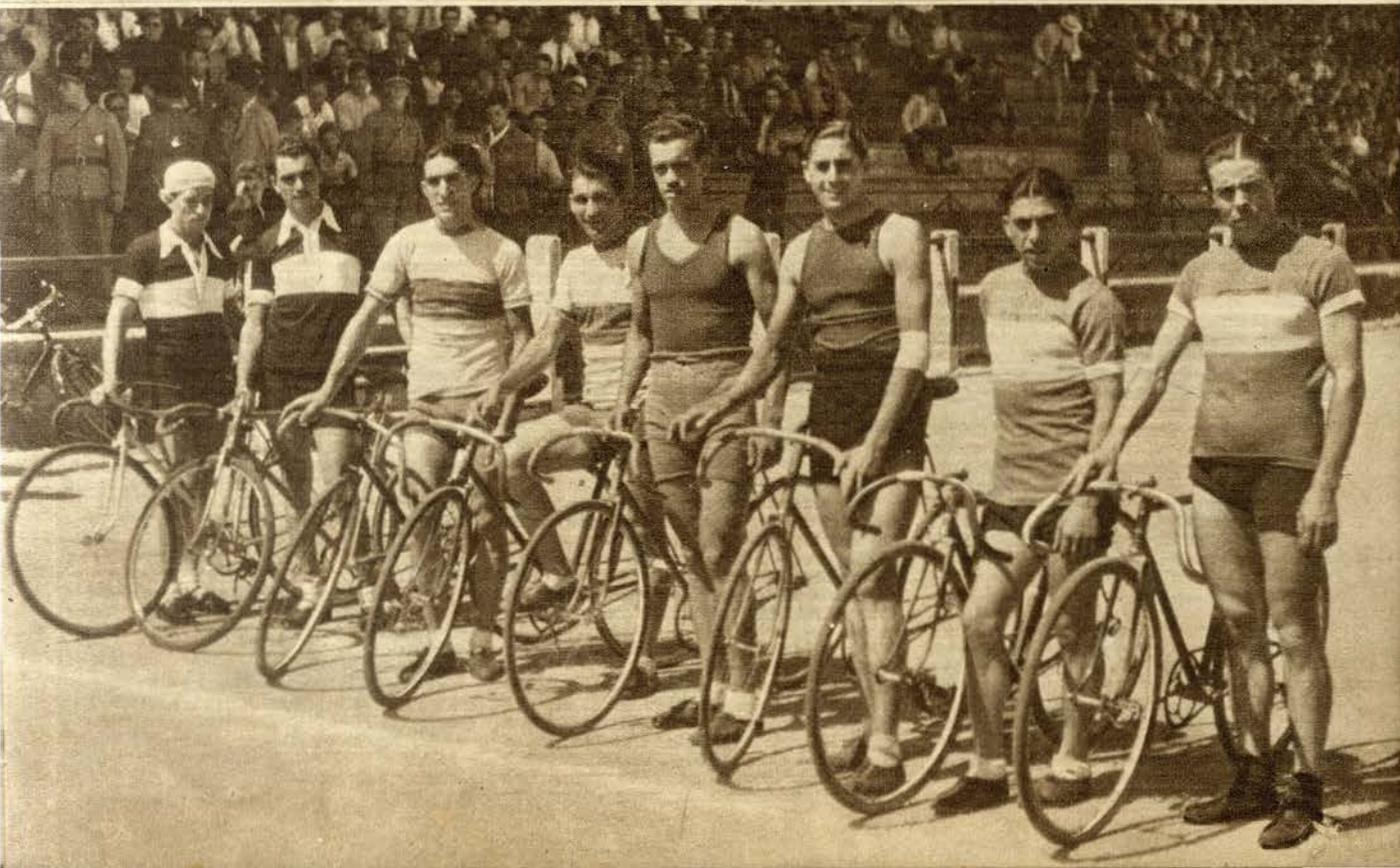
Um inverno de ginástica adequada à especialidade — pernas bem desenvolvidas, músculos renais à altura de grandes esforços, agilidade, ligeireza de movimentos — e um estudo teórico, primeiro, seguido de estudo prático da técnica do salto, e teremos dentro de duas épocas um grande especialista em altura.

Dos restantes portugueses falaremos noutra ocasião. Mas Romero, Severino, Martins de Abreu, Firmino, Costa Almeida e Nelson Gomes, Póvoas e Valente, merecem citação e serão detalhadamente apreciados, quando dos próximos regionais de principiantes, estreates e seniores.

EDUARDO SOARES

o festival de Ciclismo no Porto

Apontamentos gráficos das provas
de domingo na pista de Lima



Corrija o seu ESTILO

A fotografia é fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

1— Álvaro Dias, vencedor de todas as provas de salto em comprimento na categoria dos novos. — A fotografia corresponde ao início da queda.

1— A extensão incompleta dos joelhos traduz-se pela perda de alguns centímetros no alcance do salto.

2— A posição do tronco devia ser mais inclinada para diante, fechando o ângulo com as coxas.

3— Os braços não correspondem à necessidade de tracção nesta fase final do exercício; correctamente, estariam ambos estendidos para a frente e para baixo, as mãos perto das pontas dos pés. Se entrarmos em linha de conta com o conhecimento do estilo do atleta, esta posição deixa de ser propriamente o engrupamento da queda, para representar a atitude fundamental, pois o estilo empregado é o mais rudimentar. O salto engrupado, que usa Álvaro Dias, peca pela união precipitada das duas pernas, tracção insuficiente da perna livre e ausência de aproveitamento do trabalho de elevação dos braços. Talvez não seja conveniente mudar-lhe o estilo natural; é indispensável, sim, corrigi-lo.

3— Manuel Menezes, segundo classificado no campeonato nacional de juniores.

1— O braço esquerdo, antecedendo o tronco, foi bem metido à frente da barra, mas...

2— O braço direito nada tinha que fazer tão alto e devia ter acompanhado a trajectória do outro, proporcionando a possibilidade da rotação dos ombros e torax.

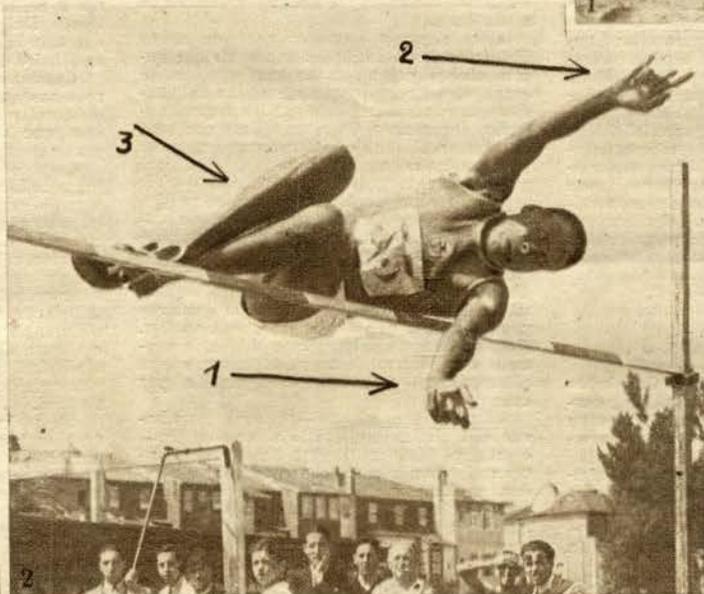
3— A perna inferior está em boa posição de esqui e a descida posterior do joelho à quem da barra vai safar a anca do derrube; mas a perna de cima, tão flectida como está, não pode colaborar nesta acção, pois difficilmente alcançará a alavanca necessária para virar a bacia de frente para o solo.

O maior defeito que a fotografia aponta é, contudo, a posição do braço direito.

3— José Luís Nunes da Silva, campeão júnior de Lisboa.

1— O dardo tem a ponta ligeiramente levantada, devendo ocupar a posição da linha pontuada.

2— O braço devia ainda



estar completamente estendido pelo cotovêlo, pois a chicotada de projecção do dardo só se inicia depois de firmado o pé esquerdo e hirta a perna que vai servir de alavanca.

3— Em vez de estendido à frente, o braço occuparia neste momento ainda uma posição flectida em frente do peito, apto a colaborar na rotação escapular, puxando para a esquerda e para trás o ombro quando o braço direito iniciasse a chicotada.

4— Considerando que a fotografia colheu a fase inicial do terceiro e último passo especial, o facto de estarem ambos os pés descolados do solo parece incompreensível. A anomalia explica-se pelo costume do lançador executar, após o passo cruzado, um saltito em frente sobre o pé direito, semelhante

ao que empregam os lançadores do péso no primeiro tempo de translação no círculo. O pé direito foi o último a descolar do solo e vai assentar novamente antes que o esquerdo o faça.

O uso deste passo anti-ortodoxo é uma consequência do insufficiente domínio da corrida e respectiva coordenação com o trabalho final do braço. Não podemos considerar a manobra fundamentalmente errada, porque a vimos aplicada por alguns lançadores olímpicos em Berlim.

5— A perna esquerda devia estar lançada mais longe, para diante; a amplitude da passada final, que deve ser de todas a maior para efeitos de travagem e aproveitamento da velocidade de translação em força impulsiva, é nitidamente escassa. A seta a partir da anca indica a direcção que devia ocupar a perna esquerda.

Também parece que o pé esquerdo vai assentar de eixo perpendicular ao sentido de lançamento, quando a posição correcta é com a ponta virada para o campo de projecção (eixo longitudinalmente no plano de projecção do dardo).

Salazar Carreira



A ÉPOCA DE «RUGBY»

apreciada por MACHADO DA COSTA
secretário da Associação de Lisboa

O «rugby», dos tais desportos colocados na categoria de «pobres», atravessou a última época em franco progresso. Aumentou o número de praticantes e um bom entusiasmo rodeou toda a sua actividade, permitindo que se lhe vaticine ainda melhor desenvolvimento no futuro.

O ambiente, quer nos dirigentes quer nos seus praticantes, é de excelente interesse. Esperam-se por isso bons resultados da actividade na época finda, não só pelo gosto que conseguiu despertar como também pelo aparecimento de novos elementos — tanto jogadores como clubes.

Claro que é necessário não esquecer as dedicações, o interesse e o entusiasmo que animaram uma época de trabalho, mas sim aproveitar a melhor ainda, não perdendo o excelente esforço que proporcionou o «regresso» do «rugby» a uma boa e progressiva actividade.

Vem a propósito reproduzir algumas palavras do desportista sr. Machado da Costa, um elemento entusiasta da modalidade e activo secretário da Associação de Rugby de Lisboa.

— A época de «rugby» teve actividade feliz — dizem. O número de quatro clubes que mantinham anteriormente secções do nosso desporto aumentou este ano para seis: Ginásio, Benfica, Belenenses, Associação Académica da Amadora, Atlético e Estoril Praia — estes dois últimos estreantes na modalidade.

O campeonato, portanto, teve a felicidade de decorrer com maior número de concorrentes — e correcção digna dos melhores elogios. Como exemplo desta afirmação regista-se que, tendo a associação 173 jogadores inscritos, somente teve de aplicar dois castigos, que mesmo assim não foram além de repreensões registadas.

O DESPORTO EM GAIA

O COIMBRÕES

UM dia — de triste memória! — o Coimbrões ficou sem campo. A solidariedade desportiva dos clubes da terra permitiu que essa dificuldade fosse, de momento, arreada. Mas não era o bastante.

Então, os sócios do glorioso e velho Coimbrões batalharam — e tanto fizeram que graças à actividade desenvolvida por Herminio Rocha e Belarmino Moreira — duas dedicações — o clube conseguiu o almejado terreno para seu campo de jogos.

Havia um senão — o custo do aluguer. Mas esse mesmo foi rodeado, porque, em assembleia geral, a massa associativa teve um gesto dignificante, corroborado pela direcção e pelos atletas: uns elevaram as suas quotas, voluntariamente, em 50 e 100%, e outros concordaram em pagar uma contribuição suplementar.

Assim se conseguiu o dinheiro para o pagamento do aluguer do terreno, sem que as finanças do clube fôsem atingidas pelo respectivo custo.

Merece louvôr esta resolução, que é mais do que interesse clubístico: é bairrismo puro — e por isso aceitável.

Que resta agora fazer?

Simplesmente que todos cumpram o seu dever, com a mesma elevação moral com que afastaram um perigo para a sua colectividade.

Com o aniquilamento do Coimbrões, se ele se registasse, desapareceria uma das melhores glórias do desporto norteño.

Aguardemos que a prometida solidariedade dos clubes de Gaia se manifeste, essa solidariedade que foi garantida ao Coimbrões.

Para o que for necessário e puderem fazer, «Sadium» está à disposição dos dirigentes do simpático agrupamento desportivo gaiano.

— Mas para o melhor ambiente verificado no «rugby» sabemos que muito concorreu a Associação...

— Bom interesse e muito entusiasmo auxiliou todo o nosso esforço ao procurarmos rodear o «rugby» do valor e do prestígio a que tem direito no desporto nacional.

«Assim, fizemos publicar as «leis do jogo», documento de muita importância, mas cuja tracção não existia, a pesar de se disputarem campeonatos no nosso país desde 1926... Os serviços de secretaria foram totalmente reorganizados e a direcção em exercício liquidou o débito de três taças, a «Taça António Simões». «Taça Capão» de Lisboa de 2.ª categoria e a miniatura da «Taça do Campeonato de Lisboa», todas elas entregues ao Benfica. Únicamente fica em dívida este organismo para com o Instituto Industrial de Lisboa, na entrega de um troféu.

«A situação financeira, embora não seja desafogada, permite no entanto que a nova gerência não encerre débitos.

«O nosso desejo de elevar tanto quanto possível o «rugby» foi em muito auxiliado por outras boas vontades, entre as quais é justo destacar a figura do distinto desportista sr. Lima Júnior, grande amigo e animador da modalidade.

«Em encargo deixamos para os novos dirigentes da Associação: conseguir que outros clubes organizem as suas secções de «rugby», tanto mais que mercê das delegações que encetámos nesse sentido temos fundadas garantias de que o Internacional, Marvilense, Ateneu e Unidos, apresentem na próxima época os seus grupos.

— Houve progressos em técnica?

— Não se poderá afirmar que se pratica melhor «rugby», mas, sem sombra de dúvida, deve sublinhar-se que este desporto é jogado agora por pessoas mais estruturalmente competentes das dos seus deveres de disciplina desportiva. Os conjuntos não são melhores, mas individualmente há valores positivos, nos quais o «rugby» pode confiar. Nota-se, de maneira flagrante, a falta de contacto com outros «teams», até mesmo com estrangeiros — franceses e espanhóis por exemplo.

«É pena que no Porto — onde chegou a haver seis clubes praticando a modalidade — o «rugby» fôsse totalmente abandonado. Está assim comprometidos os jogos inter-cidades, se bem que em Coimbra continue a contar-se com a boa vontade da Associação Académica.

— Há um outro assunto de especial importância continua Machado da Costa. A necessidade da criação do colégio dos árbitros de «rugby». Esta falta mais se faz sentir agora, após a publicação das «leis do jogo». Há pouquíssimos elementos. O problema carece de resolução urgente e esperamos que a nova gerência, a quem indicaremos o assunto, o solucione.

— O movimento de jogos?

— A época finda foi a mais animada de quantas tem tido o «rugby» lisboense. É aspecto inédito seis «teams» a disputarem o campeonato de Lisboa — mesmo quando a modalidade estava no seu período de grande movimento.

«Ao todo, entre campeonato e jogos para disputa de várias taças, realizaram-se quarenta e seis desafios de «rugby», tendo em atenção que a época começou em Dezembro. O ideal seria o seu começo em Novembro, iniciando-se pelo campeonato de Lisboa, assim como seria interessante que se conseguisse dos clubes a organização dos seus «teams» de segundas categorias — que há sete anos deixaram de existir. E a actividade desta categoria é de grande importância para o desenvolvimento do «rugby», pois nela se poderão iniciar os simpatizantes, com os quais a modalidade deverá poder contar.

O secretário da Associação de Rugby

CARTA DOS AÇORES

PONTA DELGADA, Junho de 1943 — Como prometemos, voltamos novamente a abordar o magno problema da construção do novo campo de jogos em Ponta Delgada. Os dias passam-se, uns após outros, sem que se resolva este desiderato, pendente há já cerca de um ano.

Ao passo que todas ou quase todas as Câmaras Municipais do País têm dado o melhor da sua contribuição para o desenvolvimento da propaganda desportiva das várias regiões do continente, até nas mais remotas, o Município de Ponta Delgada, ao prometer um Estádio aos nossos clubes de futebol, não passou de *similes promesses* — feita juntamente com a Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada!

Desnecessário se torna, mais uma vez, lembrar as precárias circunstâncias em que se encontram as nossas organizações futebolísticas — sem meio de se poderem manter, tais os elevados encargos necessários à sua manutenção. Pois quanto à Associação de Futebol de Ponta Delgada, é desesperada a sua existência, com a inactividade futebolística a que se viu forçada.

Para avaliar do estado a que chegou, basta dizer-se que *teve de alugar as suas salas*, para, assim, poder custear a renda da sede onde se encontra, e tendo em vista, também, o não ter que desprezar as respectivas dependências, por falta de pagamento!...

Será o fim, de facto, de mais de 20 anos de esforços e cansaças a que se votaram muitas e muitas gerações de ao desporto, em Ponta Delgada, têm desperado o melhor das suas boas vontades, não olhando nunca a sacrificios de toda a ordem?

Custa a acreditar que assim seja, mas parece-nos que os factos se confirmam, com o desenrolar dos tempos, que vão passando sem que ainda se tivesse dado um único passo em *terra firme*!

Quando da interdição do antigo campo de jogos do Liceu de Antero de Quental (para dar lugar à projectada construção dum Estádio-Miniatura, que afinal ainda se não iniciou) e que era o único recinto futebolístico que possuíamos, a Junta Geral e a Câmara Municipal comprometeram-se, conjuntamente e perante a direcção da Associação de Futebol de Ponta Delgada, a mandar construir um Estádio Municipal, ao que dera, também, a sua adesão, o ilustre Governador do distrito, sr. capitão Rafael Sérgio Vieira, antigo e conceituado vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol.

Se assim foi, por que se espera? Farão esse empreendimento quando for já muito tarde?

Mas os dirigentes de futebol micaelense ainda acalentam uma esperança, cujo sonho se tornará, estamos certos, numa grande realidade: a prometida construção do Estádio Municipal em Ponta Delgada — a mais ardente, sincera e justa aspiração dos habitantes da Ilha de San Miguel — a encantadora Ilha Verde!

E será, esta, mais uma grande obra levada a efeito pelo Estado Novo, em prol do desenvolvimento do Desporto Nacional.

HUMBERTO RAPOSO

. . . FLECHA . . .

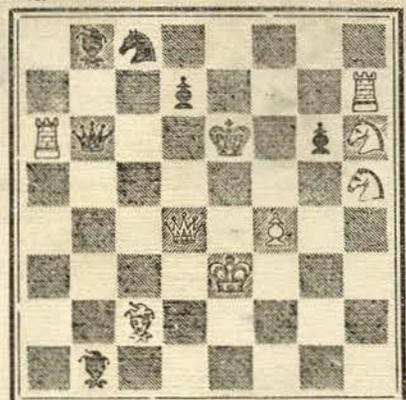
A melhor bicicleta

Salão de Exp. e Vendas:
L. do Intendente-LISBOA



havia focado os principais pormenores que rodearam a sua gerência, a qual, formada pelos srs. António Meira, presidente, Américo Silva, vice-presidente, Machado da Costa e José Alves, secretários, e Melo de Carvalho, tesoureiro, bem cumpriu a sua missão, dentro do que lhe foi possível — a bem do desporto e do «rugby».

F. S.



1.º Prémio Mate em 2 lances

O prazo de entrega das soluções é de 15 dias

Solução do Problema n.º 3: 1. Dh4-e4

Solucionistas: Dr. Gabriel Ribeiro, Lucílio Ventura e Alberto Mesquita, de Lisboa.

Grupo de xadrezistas da «Costa do Sol»

Realizou-se há pouco a sessão inaugural de uma nova agremiação de Xadrez, denominada «Grupo de Xadrezistas da Costa do Sol», com sede no Café Central, no Monte Estoril. A direcção ficou assim constituída: presidente: prof. José Negrão Buisel; secretário: Fernando da Cruz Simões; tesoureiro: Joaquim Pereira. Precedendo o acto da posse, efectuou-se uma sessão de partidas simultâneas conduzidas por Francisco Lupi, campeão de Lisboa, perante elevado número de assistentes, que nos fez ver quanto é ali apreciado o jogo do xadrez. Os seis admiradores que defrontaram o simultaneador não conseguiram, porém, superar a classe deste, que, no espaço de uma hora, «destrubou» todos os Reis adversos, em lances que deixaram a assistência maravilhada.

Eis uma das partidas jogadas, que é caracterizada pela excessiva precipitação do condutor das brancas e pela vontade inquebrantável de Lupi de sair vencedor de um violento ataque em que voluntariamente se empenhou

Partida n.º 3

P. D. — Gambito From-Englund

Brancas: prof. Buisel

Pretas: F. Lupi

1. d2-d4, e7-e5; 2. d4×e5, d7-d6; 3. Bc1-f4, Cb8-c6; 4. e5-d6, Dd8-f6; 5. Bf4-cl, Bf8×d6; 6. Cg1-f3, Bc8-f5; 7. c2-c3, o-o-o?; 8. Bcl-g5, Df6-g6; 9. Bg5×d8; 10. Cb1-d2, Bf5-c2; 11. Dd1-c1, Rd8-c8; 12. g2-g3, Cg8-f6; 13. e2-c3, Th8-e8; 14. Cf3-d4, Cc6-d4; 15. c2-d4, Cf6-d4; 16. Bfl-e2, Cd5-c3; 17. f2×e3, Te8-c3; 18. Cda-f1, Bd6-b4+; 19. Rc1-f2, Te3-c6; 20. Cf1-c3, Dg6-f6; 21. Be2-f3, Bca-e4; 22. Dcl-d1, Te6-d6; 23. d4-d5, Df6×ba; 24. Rf2-f1? Be4×f3; 25. Dd1-a1+; 26. Rf1-g2, Da1×a2+ e após alguns lances, as brancas abandonaram.

Um convite da Federação Espanhola

Comunicam-nos da Federação Portuguesa de Xadrez que a sua congénere do país visinho convidou o campeão de Portugal, ou outro distinto xadrezista português, a participar do Torneio Internacional de Madrid, que deve efectuar-se no próximo mês de Outubro. Regozijamo-nos antecipadamente com a presença de um representante

Campeonatos nacionais de remo

UMA OBSERVAÇÃO JUSTA

Os setubalenses também merecem louvores. Parece terem sacudido igualmente dias sombrios. Os barcelenses modestos. Digna porém de aplauso a sua presença nos campeonatos, pelo que denota de vontade de aprender, o que se consegue aparecendo e competindo.

Os lisboenses que melhor figura fizeram foram os da C. P. Esplêndido conjunto, a que já prestámos, oportunamente, o devido relevo. A Associação Naval de Lisboa, o ano passado em evidência, não conseguiu manter a supremacia. A boa vontade, evidente, não chegou para anular a superioridade dos adversários. O Clube Naval de Lisboa, há cerca de 4 anos sem «seniores», limitou-se a apresentar uns «juniões» habilidosos; mas é pouquíssimo para uma agremiação de tantas tradições e que, como nenhuma outra, dispõe de esplêndidas possibilidades de «fabricar» remadores.

Os outros tipos de barcos, «shell» de 2 e «skiffs», poucos comentários merecem. São complementos do programa, de desejar que se mantenham, é certo, mas de relativa projecção nos capítulos «interesse» e «técnicos».

Valla multos! no mais, sem dúvida, que ao «yolles» se dispensasse maior atenção. O regulamento não admite campeonatos nacionais de «yolles»? Altere-se o regulamento. Por demais se sabe que é o tipo de barco ideal para as nos-ás águas. E os regulamentos não são, felizmente, eternos.

Do nosso querido amigo João Cardoso de Oliveira, alguém que tem dado ao remo entusiasmo sempre moço e de muito saber e competência, recebemos uma carta, a propósito da afirmação que fizemos na crónica respeitante aos campeonatos nacionais. Escrevemos, acerca do câmião sonoro, que «nunca entre nós se adoptara semelhante sistema». Cardoso de Oliveira lembra-nos que nas regatas do Estoril, devem ir passados quasi sete anos, foram utilizados excelentes serviços telefónicos e alto falantes da Casa Serras, pelos quais ele próprio començou tecnicamente as regatas — uma semana durou essa árdua tarefa — nas quais a organização também fora do C. N. L.

No dia da Marinha, organizado pelo «Século», com a colaboração da B. N., levado a efeito em Belem, igualmente foi instalado serviço idêntico ao de agora.

Tem razão Cardoso de Oliveira. E é gostosamente que trazemos ao público o seu reparo — que nos foi feito particularmente. Mas como presamos muito a verdade — reconhecemos que a ela faltámos, sem outra justificação que não seja a lufa-lufa desta vida e o precipitar acalunante dos mais variados acontecimentos, atraindo a melhor memória, a «verdadeira verdade».

ARGONAUTA

do Xadrez Nacional em competições internacionais, embora não tenhamos grandes ilusões quanto às suas possibilidades perante os experimentados Mestres estrangeiros. É necessário que Carlos Pires, ou outro, não falte. A oportunidade não é de desprezar, porque pode significar os preliminares do intercâmbio de xadrez luso-espanhol, de muitos e proficuos resultados para ambas as partes.

Reflexões sobre o Xadrez

(De «La Stratégie»)

«Seria erro imaginar que estes pedaços de madeira ou ébano, esculpados, que estas peças secas e frias do Xadrez são insensíveis.

Na maioria das partidas há golpes de força hercúlea, flexibilidade felinas, emboscadas e golpes de Jarrac. O Xadrez é a pura imagem da guerra; estuda-se tanto a teoria das aberturas e dos finais, como os princípios consagrados da arte militar. Há Mestres que têm empregado mais tempo a estudar o Gambito Evans de que o necessário para acabar o curso na Politécnica!

É um mundo de combinações. O jogador de Xadrez experimenta todas as emoções comanda exércitos, governa nações e toca o hallali.

O Xadrez é uma ciência e um jogo de imaginação. E não carece de poesia; nos seus combates silenciosos há epopeias, poemas, dolorosas elegias, idílios elegantes, e os mates, cheios de amargura, são mudos como as grandes dores e sombrios como a absoluta desesperação»

STADIUM na província

ESPINHO — Disputaram-se na piscina-solário «Atlântico» várias provas de natação, a que dera, o seu concurso representantes do Beira-Mar, de Aveiro, Escola Náutica, Salvaguarda e Sport, do Porto. Registram-se os vencedores seguintes: Olindo Robara (B. M.), em 50 m. livres, com 31 s.; José Robara (B. M.), em 50 m. bruços, com 39 s.; Acácio Agostinho da Costa (B. M.), em 50 m. costas, com 47 s.; Olindo Robara e João Costa (B. M.), em 3. 50 m. livres; Cesaltina Sousa Martins (B. M.), em 50 m. livres, senhoras, com 55 s.; Fernando Barbedo Jor. (E. N.), em saltos.

OLIVEIRA DE AZEITEIS — O União Desportiva Oliveirense — clube ao qual se devem as melhores organizações desportivas levadas a efeito nesta vila — num interessante

(Conclue na pág. 11)

Aspectos gráficos da semana



1



2

«Hockey» em patins—No jogo entre o Paços de Arcos e o F. Benfica, para o campeonato de Portugal, Adrião vai sofrer o 1.º ponto (1) e uma avançada do F. Benfica (2). Notoção—3—No festival do Pedrouços. O Aniversário do Rio Sêco—4—Os garotos da escola do club em festa, que tomaram parte nesta. Basket-ball—5—A chegada a Lisboa dos jogadores do Carnide, campeões nacionais. No Estoril—6—Um grupo de concorrentes à prova de amazonas, efectuada no domingo.



A chegada na final dos 100 metros

campeonatos de atletismo nos REGIONAIS de SENIORES verificou-se superioridade absoluta dos atletas do BENFICA



Na disputa da prova de 10.000 metros



Os vencedores da estafeta de 4x100 metros



Após a prova de salto à vara, o novo "recordman" é felicitado pelo antigo...



Martins Vieira, campeão do salto à vara



Armelinda Carreira, do Almadaense, que triunfou no peso



3



Desporto e Intelecto

O desporto favorece a formação intelectual. É aliado e não adversário de quem estuda ou exercita diariamente o espirito, em consciências de aplicação profunda e de extrema responsabilidade. Supôr que o desporto constitua derivativo perigoso, novo à evolução e desenvolvimento do cérebro, é erro de monta, que convém rejeitar, destruir!

Não podemos lembrar sem máxima certa conferência a que tivemos a infelicidade de assistir e na qual o orador, num rago de dialéctica impressionante, e mencionado que dizia a coisa mais sensata deste mundo, afirmou que um intelectual não podia ser desportista, assim como o desportista já nunca poderia ser um intelectual.

E mais ainda: aos músculos fortes, desenvolvidos, não assentavam bem a um homem de intellecto, mas sim a um descarregador.

Uma prevenção, é cautela: Não procuremos saber ou conjecturar, ou se a palestra se tenha realizado, nem quem tenha sido o conferente. Intencionalmente deixámos passar algum tempo, porque nunca é tarde para tocar num assunto que tem sempre actualidade, mau grado as boas vontades e permanentes lutas de quem tem por missão divulgar a verdadeira essência da Ideia Desportiva.

Pôto isto, voltemos ao excel-o conferente. Durante uma hora arrastou palavras rudes, vergastando sem dó nem piedade — nem conhecimento — tudo quanto a desporto tivesse respeito.

O tema de que os intelectuais não poder ser desportistas e vice-versa, foi gloriado em vários tons. Os músculos fortes impressionaram, pelos mudos, o orador... Esqueceu que a melódica preparação física, ainda que rudimentar, mas persistente, dá ao indivíduo capacidade de resistência superior a que levou vida sedentária, repleta de vícios, narcotizado pelo fumo, envenenado pelo ar que respira, transformando o homem em autómato, sem vontade e sem força para reagir. E esqueceu ainda que éle próprio, conferente, alguns dias depois, confessava que devia a sua boa disposição à vida activa, ao movimento constante em que andava, obrigando-o a lavar-se diariamente ás primeiras horas da manhã... Quere dizer: éle mesmo fazia desporto, um desporto muito à sua maneira, mas que era sem dúvida exortante exercício.

Ora desporto não é mais do que o exercício metodizado. Não importa que seja a levantar pesos, a praticar luta, a jogar o futebol, etc. Há variedade ritmada e constante. Logo pressupõe necessidade de haver resistência para suportar esse movimento, para suportar ainda o esforço que exige este trabalho e determinada arte. E se nos quizermos servir, para reforço de opinião, do conceito de um mestre, diremos que o dr. Sílio Lima, autor de tantos e tão catos trabalhos sobre os problemas desportivos e de Educação Física, na sua obra «Desporto, Jogo e Arte», afirma que a verdadeira Arte não passa de um desporto e que éle não mais do que uma Arte, fundamentando-se por especialização, e como tal tendo os seus operários — os seus cultores.

Pelo que os meus, não sabemos se em boa ou em má hora, ficámos sineramente penalizados. O confite ante urrou se impopular, imprudência que éle próprio deve ter sentido ao concluir. Meia dúzia de palmos, e esses mesmo porque a boa educação não custa nada seja a quem for, mesmo aos que põem a intellectualidade em pinchos incessantes — e abusam do termo para se azeem ares superiores...

Mas há um momento impressionante: a referência palestra foi pronunciada num clube de desporto... É verdade. Num clube de desporto! É preciso audácia, inconsciência, suborno ou o quê, para dizer mal de uma coisa ou de uma ideia, precisamente numa casa que a tem por fundamento.

Os assistentes à infeliz palestra, alguns do músculo bem vivos, subiram ouvir com calma e mansuetude se como pessoas decentes que eram, ouvindo a bilis, inofensiva mas despropositada, do orador.

Os exemplos de que um desportista pode ser intelectual e um intelectual pode ser desportista,

Os campeonatos individuais de Portugal foram ganhos por

José Roquete, A. Bóter — E. Ricciardi, Prata Dias e J. Silva — F. Frade

OS campeonatos individuais de Portugal e a final do campeonato nacional inter-clubes (2.ª categoria) forneceram os acontecimentos de maior vulto até agora registados na presente época, não só pela sua importância, mas também pelo interesse e animação de que se revestiram.

A F. P. L. T., depois de ter fei o Inaugurar a temporada oficial tardiamente, tem procurado revestir as suas provas da maior regularidade, de modo que o calendário seja respeitado. E, diga-se de passagem, tem conseguido os seus fins.

Os campeonatos individuais de Portugal, dirigidos pelo secretário da F. P. L. T., Fernando Mendes de Almeida, decorreram na melhor ordem, não obstante as dificuldades que esta organização sempre apresenta, pela necessidade de fazer disputar, num curto espaço de tempo, todos os encontros de quatro provas. Verdade seja que os concorrentes diligenciaram não criar embaraços ao director da competição, o que tornou possível a sua conclusão dentro das datas fixadas. E a última sessão, englobando as quatro finais, constituiu excelente jornada de propaganda da modalidade.

Antes de alguns breves comentários acerca da maneira como as provas se desenvolveram, seja-nos permitida uma referência especial ao brio e desportivismo dos jogadores que detinham os títulos. Nem um só deixou de os defender com galhardia e apuro.

Os melhores jogadores portugueses vieram a Lisboa, dando mostras de um interesse que os tenistas da capital (referimo-nos aos da 1.ª categoria) não souberam evidenciar. E tanto assim que, dos cinco elementos de primeira categoria que participaram da prova de «singulares», três eram do Porto.

Quinze jogadores se inscreveram na prova de «singulares», de primeira categoria: sete da série principal e, logicamente, oito da segunda categoria.

O «quarteto» das meias finais foi constituído por José Roquete, Vasco Horta e Costa e Eduardo Ricciardi, de 1.ª categoria, e Manuel Vinhas, de 2.ª categoria. Isto basta para demonstrar, mais uma vez, a diferença de valores que existe entre elementos das duas categorias, diferença tanto mais sensível quanto é certo que os melhores lisboetas da 2.ª categoria que se abalancaram a disputar a prova principal não puderam evitar a eliminação logo à primeira «ajuda». Houve, no entanto, uma excepção, que veio a constituir a surpresa do torneio: referimo-nos à vitória de Orton (2.ª cat.) sobre o portuense Francisco Matos (1.ª cat.), ainda que obtida difficilmente.

A final, como tem acontecido bastas vezes, foi jogada entre José Roquete e Eduardo Ricciardi. O primeiro viu facilitada a sua missão por persistência do adversário, mas ainda que ela não se tivesse verificado, cremos que a vitória pertenceria, à mesma, a José Roquete, sem dúvida mais treinado do que

Eduardo Ricciardi. É certo que este não deixou os seus créditos por mãos alheias, pois logrou, brilhantemente, eliminar o campeão do Porto, V. Horta e Costa, depois de nuidamente batido no 1.º «set». O encontro entre Ricciardi e Horta e Costa, na meia final, pôde, até, ficar como o melhor da prova, que pouco mais ofereceu digno de realce.

Em «pares-homens», só seis formações estiveram em acção, o que é pouco — havemos de concordar...

António Bóter — E. Ricciardi chegaram à final depois de terem eliminado sem custo o par Serra e Moura — Nuno Castro Pereira, inferiorizado pelo pouco treino do segundo jogador.

José Roquete — Francisco Matos formaram o outro par finalista, mas a sua tarefa apresentou-se sempre mais difficil. No encontro decisivo, três partidas bastaram para que Bóter — Ricciardi ficassem de posse do título

As provas de segunda categoria sobrelevaram em interesse e entusiasmo as de primeira. O maior número de concorrentes e o maior equilibrio de valores forneceram o principal motivo de agrado.

Manuel Prata Dias, cotado entre os favoritos, correspondeu ao que dele esperavamos, vencendo successivamente José da Silva, José Matos, Hardy Júnior e Orton. E os seus triunfos foram tão convenientes que nunca teve necessidade de disputar 3.º «set».

A qualificação de Orton para a final não era muito esperada. Mas não se lhe pode negar mérito. Uma vitória fácil sobre Jaime Quintana e duas difficéis sobre Manuel Matos, que detinha o título, e Rui Pereira, deram-lhe direito a chegar ao derradeiro encontro. Depois do vencedor, Orton foi, inequivocamente, o jogador mais em evidencia.

Outro concorrente merece citação especial: Samuel Etedgui. O vencedor do torneio de principiantes do C. I. F. conseguiu eliminar dois jogadores de 2.ª categoria (Vinhas e Marquês de Mendia) e resistiu muito bem a Rui Pereira. É elemento com o qual é preciso contar...

Rui Pereira acusou os efeitos da dureza da prova, resentindo-se do esforço despendido. Machado Macedo, M. Nunes dos Santos e Eugénio Lane tiveram comportamento meritório.

Dos portuenses, Hardy Júnior justificou o título de campeão regional e a sua derrota em face do novo campeão de Portugal não o deslustra. Manuel Matos pareceu estar em má condição física e seu irmão José jogou dentro das possibilidades.

Em «pares-homens», o triunfo pertenceu a dois «juniors»: José da Silva e Fernando Frade. Vitória merecida, depois de torneada a difficuldade dos dois primeiros encontros, respectivamente contra dr. Viveiros Pinto-S. Etedgui e Duarte de Orey-Machado Macedo.

A outra formação finalista, Rui Pereira-Prata Dias, chegou facilmente ao encontro decisivo, onde não deu a replica que se esperava, mais por culpa de Rui do que de Prata Dias.

A vitória do Internacional na laça "Rodrigo de Castro Pereira"

O campeonato de Portugal, Inter-clubes (2.ª categoria), terminou na última quinta-feira, nos «cortus» da Curia.

Foram adversárias as equipas do Clube Internacional de Futebol e do Lawn-Tennis Clube da Foz, vencendo a primeira por 4-1.

A falta de espaço obriga-nos a reservar para o próximo número os comentários que a interessante luta nos sugeriu.

LANÇA MOREIRA.

DRIVE

BAPTISTA PEREIRA

venceu com brilhantismo a Travessia do Tejo

Triunfo colectivo do Algés nas três categorias e magnífica prova da belenense Maria Helena Lopes

DANDO continuidade à série iniciada em 1935, a travessia do Tejo disputou-se no domingo pela nona vez, ainda que em percurso sensivelmente diferente, pois a meta estava localizada na jangada da «Brigada Naval», encurtando-se assim, cerca de 200 metros, o percurso habitual.

A travessia do Tejo, pelo que evoca e pelo que tem de histórica, desperta ainda entusiasmo apreciável, apesar de entre nós o gócio pelas provas de mar ter desaparecido quasi por completo.

A de domingo, com magníficas condições de rio, foi interessante debaixo de certos pontos de vista, se bem que o aspecto propagandístico — pormenor sempre de atender em provas de mar — fosse um pouco prejudicado com o facto da meta se encontrar distante da praia. Mas como assim era mais comodo — está bem...

A partida foi dada depois da hora marcada. Junho da meta — o drama de sempre. É certo que se diz no regulamento que as embarcações devem, a certa altura, abandonar o nadador. Mas não. Quando uma coisa está estipulada é justamente quando dá prazer fazê-la exactamente ao contrário... Por nada desta vida os commissarios se afastaram da meta, embora vissem que assim prejudicavam os nadadores. O júri, cá de cima, abafou tanto quanto pôde, mas sem êxito.

Joaquim Baptista Pereira triunfou mais uma vez de maneira absoluta, justa e indiscutível. É um nadador talhado para este tipo de provas. A vantagem com que chegou sobre o segundo — a m. e 16 s. — diz bem do mérito da corrida, conduzida dentro das suas características habituais de energia, vontade e coragem.

Atrás dele, Jofre de Carvalho, seu companheiro de clube, obteve uma classificação que também já lhe é familiar — o segundo lugar. Tal como Baptista, Jofre está no seu elemento em provas desta natureza.

Rodrigo Bessone Basto Júnior, o vencedor de 1935, de novo chamado às filicras do seu clube, demonstrou não haver perdido as faculdades que o guilddaram a nadador de primeiro plano. Classificou-se terceiro. Das duas vezes que passámos por êle, lá ia, tal como há oito anos, em «crawl», no seu estilo bem ritmado. Bessone Júnior não nos deu ainda como nadador a sua última palavra. Pode fazer mais, muito mais...

Oscar, dentro das suas possibilidades, Sacadura, por certo o mais antigo de todos, classificou-se num honroso quinto lugar.

Atrás destes cinco seniores, um principiante que a travessia veio revelar, ou melhor, trazer ao primeiro plano. Chama-se Fernando Ornelas Cisneiros. É claro que numa prova como esta não se pode seguir de perto o trabalho de cada um dos nadadores. Vimos Fernando Cisneiros a meio rio e à chegada. A classificação que obteve, é, todavia, eloquentemente expressiva. Como expressiva é a comparação do seu «tempo» — 37 m. e 33 s. — com o de Fernando Chaves, primeiro dos júniores: 39 m. e 48 s.

E do senhor Fernando do Carmo repetimos o que dêle dissemos nos regionais: parece ter perdido faculdades.

Falemos agora das duas senhoras, que bem o merecem.

Maria Helena Lopes, do Belenenses, excedeu toda a expectativa. Fez uma prova magnífica, que merece, em favor, as homenagens da critica. Partiu com «handicap», mas apenas se deixou ultrapassar pelos três primeiros. Gastou 45 m. e 47 s., ou seja melhor «tempo» que o 25.º dos 40 chegados.

Maria Zélia de Oliveira, do Nacional, gastando muito mais tempo, é certo (54 m.), fez também prova meritória. É preciso notar que

se trata de uma aluna das escolas de 1942, que há um ano, portanto, ensaiava as primeiras braçadas — e que no domingo fez a travessia sem um desfalecimento, sempre em «crawl», — pois não sabe nadar outro estilo...

As duas pequenas estão de parabens. Mas... tomem o que fizeram apenas à conta de incentivo e de estímulo para feitos maiores...

E, para terminar, falemos da classificação colectiva. Neste ponto, o Algés foi, ainda, um «senhor» todo poderoso. Triunfou, e bem, nas três categorias — seniores, júniores e principiantes. Foi uma vitória bonita — e oportuna...

ABREU TORRES

«STADIUM» NA PROVÍNCIA

(Conclusão da pág. 7)

festival, realizado no seu Parque de Jogos, apresentou em público as classes de ginástica feminina e masculina. Sob a direcção do moniior, sr. João Carlos Gomes da Costa, as classes exhibiram-se em ginástica educativa, rítmica, saltos de pílato, exercicios de equilibrio, por meninas, e na barra fixa, pela classe masculina.

Esta festa constituiu uma boa jornada de propaganda da Educação Física.

OLHÃO — Com o fim de angariar fundos para conclusão das obras no seu campo, o Sporting Olhanense pr. moveu no estádio «Padinha», um interessante festival, que constou de corridas de 80, 150, 300 e 1500 metros, luta de tracção à corda e «gymkhana» de bicicletas.

SANTA CRUZ DA TRAPA — Nas provas de tiro a chumbo, efectuadas por iniciativa do Desportivo Santacruzense, verificaram-se os vencedores seguintes; Helena Teixeira e Carolina Baptista, nos concursos de senhoras; prof. Valentim de Almeida, dr. Marques Teixeira e Acacio Santos, nos certames masculinos.

COM O PATROCÍNIO DA «STADIUM»

O CLUBE NACIONAL DE NATAÇÃO

VAI COMEMORAR O SEU XXIV ANIVERSÁRIO

DE 22 a 29 do corrente estará em festa o Clube Nacional de Natação, pela passagem do seu 24.º aniversário.

São vinte e quatro anos de trabalho, de actividade ininterrupta com vista ao desenvolvimento e propaganda da natação.

Ao Nacional, cabe, com efeito, papel de relêvo na historia deste desporto. Desde há três anos, o Nacional entrou num periodo novo da sua existência, com a construção do interessante e apreciável parque desportivo da rua de S. Bento.

Presentemente, a progressiva agremiação prepara-se para comemorar a passagem do seu 24.º aniversário. Elaborou um programa de festas destinado a patentear o valor e a vitalidade do Nacional como clube de natação — que o é fundamentalmente.

«Stadium», que tem acompanhado de perto o rejuvenescimento do Nacional de Natação, acedeu de bom grado ao pedido que lhe foi feito e patrocina as festas comemorativas do 24.º aniversário do Clube Nacional de Natação. Fazêmo-lo com sincero prazer, pois trata-se, na verdade, de uma agremiação que merece todo o carinho e todo o apoio, todo o incentivo e todo o auxilio que dentro da nossa esfera de acção lhe possamos prestar.

São os seguintes os festivais que o Nacional de Natação organiza na semana comemorativa do seu aniversário:

GAZETILHA

COMES E BEBES

Já viram que estão em uso os banquetes de homenagem? !... Não é voga! Mas abuso onde entra muito intuído que nem sequer fã... paragem!

Dizem muitos foliões que são as «pratas finais» de afamados campeões! Eu, sem curar de ilusões, acho que é comer de mais...

La porque um campeonato q. e se julgou um... filão lhes veio parar à mão? Entendo que é caricato haver tanto comilão!!!

Regra geral — é assim... (s:jam «grandes» ou «pequenos»!) Ao toque do clarim todos acodem, enfim, e a coisas não vai por menos!

É um país ideal este lindo Portugal!!!

Tudo come, minha gente, com e b'be — sem parar! Ora digam, francamente, Se não é... para cansar!

Nem sequer desfrinço, aqui, as festas que tem havido! Mas por aquilo que vi, confesso-o, ja percebi, muito devem ter comido...

São almoços e jantares, merendas — e coisas mais! Ceias lautas... e frugas! Belos petiscos! Manjares... que até pare em reais!!!

Chego, enfim à conclusão p'ra revelar — com razão: — «J Com tanta comedoria, não ha uma indigestão?! Isso é que saber eu queria...

ZÉCAS TLÃO

Stadium na Capital do Norte



ATLETISMO: 1 — A. Bernardo, do Salgueiros (1.000 metros); 2 — A equipa da Ac. de Braga (3x300); 3 — A equipa do Salgueiros (3x1000); 4 — Gerard d'Alexandry, do Académico (pêso); 5 — M. Ferreira, da Ac. Braga (dardo), que estabeleceram no domingo novos «recordes» do Norte

(fotos Hermann)



BASKET-BALL

O Carnide é campeão de Portugal

○ Carnide foi feliz na sua vinda a esta cidade. Feliz, porque ganhou um campeonato — merecidamente; feliz porque fez «exibição excelente, oportuna, em que a fática sobreelevou a técnica, em que o poder físico, a entusão se-se minuto a minuto, dominou o adversário, menos ousado, menos robusto.

O «Vasco da Gama» perdeu. Mas perdeu brilhantemente, disputando com ardor, e até com sentido técnico, um título que lhe fugiu. Menos preparado — naquela noite, por certo — o «Vasco» não pôde aguentar a rapidez do encontro. Os primeiros minutos foram de constante movimento, com os grupos a rodopiar, sem uma paragem. Foi neste período que o «Vasco» não soube ganhar o encontro...

Na outra metade, o Carnide construiu um resultado, avolumando-o minuto a minuto, urdindo jogadas que o contendor — moroso em excesso — não soube delinear e aproveitando-se do erro «vascaíno» no jogo de «retardador».

Por outro lado — e talvez fôsse este o principal factor da vitória — os lisboetas mostraram resistência que impressionou. Relembramos os últimos minutos do encontro, com os «vascaínos» completamente exaustos, jogando em arrancos, em assomos de energia, enquanto os contrários, serenos, calmos, mas sem dispersar nada — o «Vasco» perdeu mais de meia dúzia de lances livres — iam lançando «côsto» após «côsto»...

Perdeu o Vasco, mas perdeu com honra, com brio, embora por má tática.

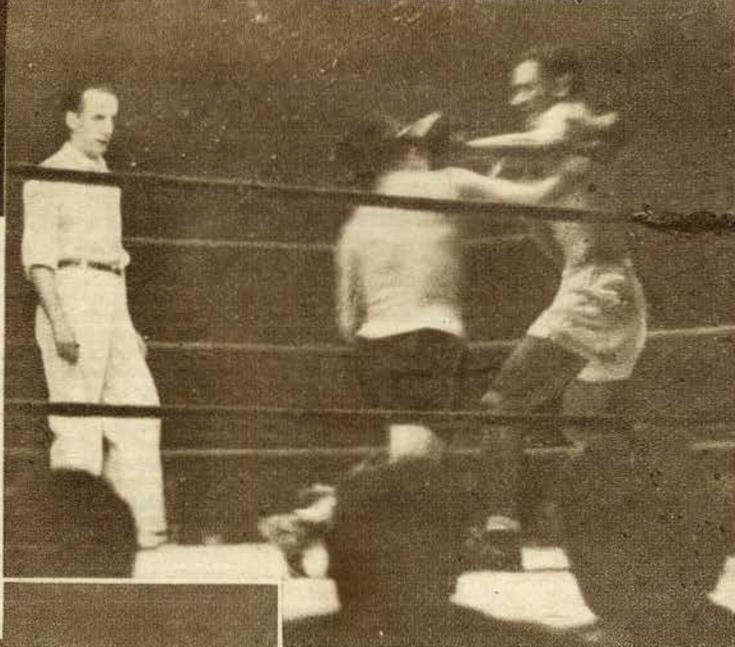


Os finalistas do campeonato nacional de basket-ball

BOXING

Jorge Larsen

reapareceu em boa forma



Quintino «impô» o nulo, valendo-se dos seus conhecimentos. E, neste «match», foi tudo quanto houve...

O algarvio José Luis apresentou-se melhor que nunca: progride a olhos vistos. Bom «encaixe», mais rudeza de «punchs», mas, ainda certo desequilíbrio na maneira de lançar os golpes. Ora aqui está um rapaz que tem aptidões e pode vir a dar que falar de si — se quiser aprender. Porque ainda tem muito que aprender! O buccense António de Carvalho serviu-lhe de «punching-ball» e perdeu sem contestação.

Há tempos apareceu por cá um rapaz, precedido de boa fama, que lutara em França como amador. Era Jack Pestana. Pode dizer-se que «chegou, viu e venceu» — mas não nos convenceu... E agora... Agora, Pestana subiu ao «ring» para defrontar Raúl de Oliveira, mais fogoso e mais rápido, mais batalhador e com fortes motivos para a esperada reabilitação. E embora Raúl tenha defeitos (que já não pode corrigir, mau grado o seu imenso desejo de ser útil) Pestana foi batido. Bem batido, porque, a-pesar-de toda a sua coragem, não soube «conduzir» o adversário da maneira que mais convinha. Resistiu bem, mas a derrota era inevitável, naquelas circunstâncias, com um homem que, a lutar de perto, castiga duramente. E Pestana nunca soube impôr o jogo de longe — afinal o único aconselhável para as características de ambos — «caindo» com frequência nos «corps-à-corps».

O reaparecimento de Larsen foi festejado como «clou» da reunião. Mas que pode fazer o moçambicano, de novo, se é ainda um principiante com habilidade, a quem falta a experiência que no espanhol Gonzalez abunda?! Contudo, mostrou progressos: no jogo de cordas, hábil e preciso; na colocação de golpes (não confundir com a rudeza de «punchs», que ainda não é aquilo que pode vir a ser!) e no trabalho de pernas, reflexo de algum treino de «footings». Em resumo: agradável melhoria, em pormenores que parecem simples mas são fundamentais para a formação do «boxeur». Larsen podia ter obtido vitória mais expressiva — se soubesse «boxing» e tivesse visão (ou continuidade, como queiram!) em alturas que Gonzalez merecia ser mais castigado. O combate podia ter ficado no 3.º «round» — ou mesmo no 6.º. Mas o moçambicano faltou a tal «continuidade» para acabar com o espanhol antes do limite.

Para remate, transcrevemos, com a devida vénia, o final da crónica do nosso presado colega vespertino «Diário Popular», que diz assim:

E não queremos encerrar estas linhas sem deixar aqui exarado o nosso protesto contra a S. C. D. pela pouca atenção que manifesta para com a imprensa, pois destinam aos jornalistas que ali vão em serviço um incómodo e tóxico banco sem costas, (o único que há em todo o recinto do «ring») sem indicação do lugar que a cada um compete.

Para não evocarmos o que se faz lá fora, basta citar que nas salas do Porto a imprensa tem uma fila junto ao «ring» em cadeira apropriada para se poder escrever.

«Sans rancune»

Um aprendiz

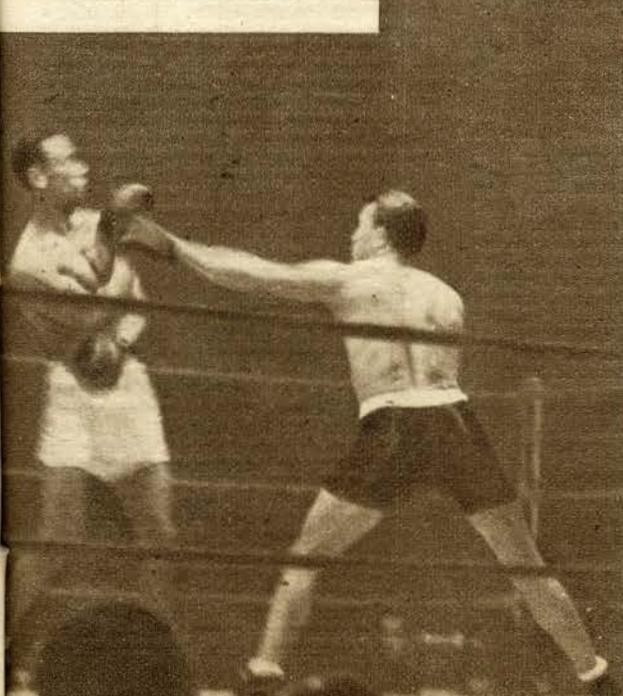
É para louvar a tenacidade da Sala Central de Desportos, na organização de reuniões de «boxings», a maior parte delas com características populares. E a última, na pretérita sexta-feira, a-pesar-de ter um «fundo» internacional, não deixou melhor impressão que as anteriores... Mas, repetimos, é de louvar a insistência dos organizadores — entreterendo o público e dando-lhe o espectáculo que ele tanto denota apreciar e parece, até, preferir! Tecnicamente, porém, não se progride — quer as sessões sejam populares ou internacionais. E isto é que à crítica convém referir — porque é essa a nossa miséria.

Repetimos: a reunião nem foi boa nem má! Procure-se o meio-termo, que é onde está, afinal, a virtude inteira do espectáculo. É certo e sabido que sem bons «boxeurs» não pode fazer-se uma sessão de «boxings» de agrado. Mas, em Portugal, a-pesar-de todas as tentativas e dos bons ofícios de uns quantos apaniguados destes espectáculos, não se encontra gente predestinada para o «boxing» em número suficiente e que permita a frequência de reuniões do género. E por isso o «panorama» não varia — é como aqueles aspectos antigos da cidade onde ainda não chegou o camarelo da Câmara nem os ares da civilização...

Em síntese: a intenção era boa; mas o resultado é que foi pouco mais que nulo! E dizemos «pouco mais» porque, realmente, houve ainda umas pequenas coisas apreciáveis: o reaparecimento de Jorge Larsen, por exemplo, anunciado em grandes parangons pelos arautos da publicidade, era esperado com seu quê de interesse — como também o de José Luis e a possibilidade de dar a Raul de Oliveira um «motivo» (e esse foi Jack Pestana!) para se reabilitar do K. O. diante de António Silva, constituía igualmente número de sensação! Mas é que os «números» falharam, quasi todos...

Eduardo Alves e Alberto Afonso fizeram o combate preliminar. Quantas vezes terão medido luvas, estes dois rapazes?! Deixemos que algum amador de estatísticas encontre a solução. Ambos se conduziram como sabem e podem — sem nos darem nada de novo! A Eduardo Alves foi conferido o triunfo, sem hesitações.

A seguir lutaram João Pedro Quintino e Guilherme Martins, um «antigo» (temos horror ao termo «velhos!») e um «novo», quer dizer: a experiência, feita de anos e anos seguidos de prática, contra a vontade de agradar.



ATLETISMO

O BENFICA, única equipa completa na 1.ª jornada dos regionais, fez alarde de grande superioridade sobre todos os restantes concorrentes.

A primeira jornada dos campeonatos lisboenses de atletismo mostrou que de momento existe uma única equipa, forte, numerosa e consciente do seu valor, contra a qual esgrimem sem vislumbre de possibilidade de confronto colectivo os núcleos desbaratados dos restantes clubes praticantes.

Nas nove provas individuais do programa tomaram parte, no total, 60 concorrentes, o que não quer dizer 60 atletas, porque alguns entraram em mais de uma prova; pois de esse conjunto, 31 homens envergaram a camisola encarnada, 16 eram sportingistas, 4 belenenses, 8 «atleticos» e 1 caspiano; superioridade de número a que corresponde também impressionante superioridade de classe.

O Benfica é, já tivemos ocasião de o escrever, o legítimo e digno herdeiro actual da superioridade que anos atrás o Sporting sustentou com gallarda energia; no momento presente os «leões» atravessam grave crise, não pela perda da supremacia, — que é vulgar acidente da actividade desportiva, sempre em periódicas oscilações — mas porque se apercebe a desorientação de atletas e dirigentes, agravada por um despajo de muitos dos melhores elementos que não correspondem à tradição do atletismo leonino.

Confessamos que nos desiludiram certas ausências; sempre ouvimos dizer que na desgraça se conhecem os amigos e é também nas horas difíceis que se pede lutar. que a luta tem emoção, a vitória lustre e a derrota dignidade.

Dois palavras diferentes sobre o apogeu do progresso em profundidade do atletismo regional; se compararmos os «primeiros planos» da actualidade com os campeonatos dos tempos idos, a ideia de progresso é frisante. Em qualquer ocasião propicia publicaremos na «Stadium» uma série de gráficos que mostrará a evidência esta afirmação empírica.

Os melhores resultados das classificações contemporâneas ultrapassam na generalidade os resultados de há oito ou dez anos, porque o treino é mais bem orientado e o aproveitamento das faculdades dos atletas mais perfeito; mas, em contra-parada, o número de praticantes diminuiu de maneira impressionante, que não pode ser justificada pela criação das categorias inferiores.

Anotemos: 3 homens nas barreiras, 7 nos 400 metros e outros tantos nos 200; 6 lançadores no disco e 5 no dardo; 7 saltadores à vara e 6 no triplo; 2 equipas de estafetas; 9 corredores nos 1500 e 11 nas duas léguas, somando na realidade 54 concorrentes. É pouco, é muito pouco, e isso demonstra apenas que a propaganda da modalidade precisa de ser encaaminhada em sentido mais lato, visando o interesse do próprio desporto, em vez de convergir para o exaltamento da falange predilecta, que é afinal aquilo a que temos assistido nestes últimos anos, aliás com absoluto êxito.

O campo e a organização

Impossibilitada de utilizar a pista das Salésias, a Associação recorreu ao terreno do Unidos, certamente porque era aquele que lhe assegurava melhores condições de receita, a preocupação máxima dos nossos dirigentes desportivos.

O trabalho de marcação dos diversos sectores foi prodigioso e após-nos registar que ninguém poderia fazer melhor: tudo no seu lugar, devidamente sinalizado, dando ao recinto ótimo aspecto. O perímetro da pista, que calculamos em 245 metros, não serve para provas da categoria dos campeonatos, mas o mal não era reparável desde que os associativos não quiseram recorrer ao campo — tão mau ou pior em questão de piso — do Estádio, onde era possível no entanto traçar um circuito bastante maior.

A tarde tórrida de domingo assustou a quasi totalidade dos habituais adventícios da pista e trouxe a vantagem de um aspecto mais

Comentários de SALAZAR CARREIRA

ordenado, com a presença exclusiva do mínimo de pessoas indispensável ao funcionamento do torneio.

Com tão escassa concorrência, o programa despachou-se a tempo, apesar de algumas demoras resultantes do resumido número de oficiais que se decidiram a arrostar com o perigo de uma insolação.

Os deslizes técnicos não foram graves, mas não faltaram: ausência de fiscais nas transmissões da estafeta; benevolência intollerável contra os sucessivos atropelos de Angelino Pinho ao companheiro de clube, esperando por ele para o levar consigo para diante; descuido na fiscalização dos saltadores à vara, consentindo-lhes que após o salto passassem por debaixo da barra; falta de fiscais nas curvas, que alguns corredores de meio fundo aproveitaram para ganhar terreno, cortando a direita.

Finalmente, duvido de algumas cronometragens, nomeadamente da dos 110 m. barreiras, que não condizem com a marcação do nosso cronómetro, e é demasiado esticada para ser verdadeira.

Campeões e não-campeões

Os participantes que mais nos impressionaram foram Matos Fernandes e Fernando Lourenço: o primeiro tem o «record» da distância ao seu alcance e o estilo é do melhor para um especialista de velocidade prolongada; passada larga, de contracção completa, parece que vai a andar pouco (tão grande é o à-vontade) e no fim o cronómetro passa-lhe o atestado do valor; o segundo, enérgico e velocíssimo, é o digno continuador da série memorável dos «sprinters» portugueses.

O lançamento do disco foi a prova mais emocionante para o publico, pelo equilíbrio entre os primeiros e sucessivas mudanças na classificação; para tudo ser emotivo, até o vencedor foi quem ninguém esperava, pois o lançamento de José Luís, desviado da linha dos restantes, não dera a impressão de mais longo do que os de Ruivo e Mayer.

A prova de dardo foi uma tristeza: Rodrigues, que averbou com 49,043 o seu melhor resultado, e mais nada atrás dele. Os restantes ficaram onze metros distanciados: Anselmo continuou com as fantasias de estilo, José Luís não estremeceu o braço à rectaguarda e Paciência já devia saber que o atletismo se não pratica de improviso.

O triplo-salto foi bem ganho por Alcide, o único que sabe aproveitar o terceiro salto; Espírito Santo prejudica-se pelo exagerado comprimento do primeiro pulo, que o obriga depois a um passo insignificante por falta de poder muscular da perna de chamada, Moniz Pereira é o melhor estilista, mas faltam-lhe poder para a impulsão final e velocidade na corrida.

A prova da vara foi igual a sempre; Vieira venceu, mas pareceu-nos pouco afeito ao estilo, passando a barra de flanco. António Santos mostrou a sua habilidade, mas reprovamos o excessivo esforço a que o obrigaram, disputando provas consecutivas: a tentativa para o «record» de júniores e o campeonato imediato. Seria provavelmente vantajoso para o clube, mas resta averiguar se o foi também para o atleta.

Armando Pereira foi um modesto mas hábil vencedor dos 1500 metros; onde estava Jorge Azevedo? Contávamos com melhor comportamento seu.

O jovem João Silva e o seu «lugar-tenente» Manuel Gonçalves dispuzeram à vontade dos adversários na prova de fundo; já dissemos o que pensávamos do comportamento de Angelino Pinho, e falta apenas verificar o declínio estranho de Felipe Luís e Nogueira.

Para encerrar, refeiremos a boa corrida, de 150 metros de Olga Ribeiro, que vai ocupar com o seu tempo o terceiro lugar na escala das marcas nacionais.

«HOCKEY» E PATINAGEM

O FUTEBOL BENFICA

é novamente campeão nacional

O quinto torneio nacional de «hockey» em pautas, agora em curso, estará concluído no dia 15, com a visita do Paço de Arcos ao Porto. Mas, quaisquer que sejam os resultados das partidas que ainda estão por disputar, o Futebol Benfica pode já considerar-se vencedor, conquistando o título pela terceira vez.

Como reflexo deste novo triunfo, absolutamente merecido e que sómente teve a empanar-lhe um pouco o brilho a derrota no «rink» do Lima, o Futebol Benfica ofertou ao seu jogador Adrião a melhor lembrança: mais um título nacional, a juntar aos cinco que já possuiu. É esta a recordação mais grata ao espírito do desportista, na altura da despedida, aquela que deve ficar-lhe para sempre na lembrança.

Aguardávamos segunda edição do Paço de Arcos, tanto mais que recebia primeiramente a visita do seu antagonista e era o último a ir à capital do Norte. Mas aconteceu o contrário de quanto prevíamos: o Paço de Arcos deixou-se bater em sua própria casa — e quando foi à do adversário voltou a perder! Este último desafio, disputado na sexta-feira, em Benfica, teve foros de acontecimento importante no meio «hockista». Casa cheia — a deitar por fora, como é hábito dizer-se... — e muito entusiasmo do publico e dos jogadores. Em síntese: boa jornada de propaganda e um encontro interessantíssimo, em todos os aspectos.

Era ê-te o jogo culminante do campeonato, que podia decidir do título: — é que se os benfiquenses pudessem passar o obstáculo estariam implicitamente campeões; mas se os campeões levassem a melhor, tinham, ainda, a sua «chance»...

Merece registrar-se o excelente comportamento do Académico, do Porto, estreante na prova. Venceu por duas vezes o campeão do norte (6-3 e 4-0) e derrotou também o Futebol Benfica (5-1), ficando este último resultado como a surpresa do torneio! Parabéns aos «academistas». A acção do Infante de Sagres — que jogou no sul, no domingo e snteamem, foi menos notória que anteriormente.

12 Má forma ou falta de confiança dos campeões do Porto?!

Fale-se, por fim, do Paço de Arcos. A equipa que melhor joga não esteve feliz nos dois encontros com o Futebol Benfica, perdendo ambos pela tangente e em condições especiais de inferioridade momentânea, particularmente no seu «rink». Em Benfica, o entusiasmo dos locais superou tudo...

A competição de agora foi realmente mais interessante que as anteriores e despertou até maior curiosidade no publico, tanto em Lisboa como no Porto, onde a modalidade parece encontrar-se em período de ressurgimento. Registamos o facto com satisfação, porque revela mais cuidado e menos preocupação de entrar o trabalho aos que pretendem produzir obra útil. Antes assim.

A lista de campeões é a seguinte:

- 1939 — Sporting.
- 1940 — Futebol Benfica.
- 1941 — Futebol Benfica.
- 1942 — Paço de Arcos.
- 1943 — Futebol Benfica.

Para encerramento da época, a F. P. Patinagem promove, nas noites de 13 e 14, em Benfica, os campeonatos de Portugal de corridas, de que foram vencedores, em 1942: o cascaense Santos Machado, em 500, 1500 e 5000 metros (1 m. 87, 3 m. 278, $\frac{2}{10}$ e 13 m. 41. $\frac{3}{10}$); os benfiquenses Rogério Migueis e Ruf Montargil, respectivamente, em 300 (46.1. $\frac{8}{10}$) e 1000 metros (2 m. 30 s. $\frac{8}{10}$); e a equipa do Benfica, (Leonel Costa, Rogério Migueis e Ruf Montargil) em todas as provas de conjunto, estafetas de 3X200 (1 m. 318. $\frac{1}{10}$), 2X500 (3 m. 52 s. $\frac{2}{10}$) e 3^o 1000 metros (6 m. 55 s. $\frac{8}{10}$); e «americana» de 15 minutos (64.25 voltas).

Os campeonatos nacionais de corridas têm o programa seguinte: 1.500, 3X500, 1000, 3X200 e 5000 metros, na sexta-feira; 500, 3X1000, 300 metros e «americana», no sábado.

O CAMPEONATO DE PORTUGAL VOLTOU PARA LISBOA!

A tradição cumpriu-se uma vez mais: o Carnide foi jogar ao Porto e não perdeu! Mas este desporto tinha particular interesse, pois tratava-se da final do campeonato de Portugal, e, néste, os carnidenses — que têm gosto especial para este género de competições — puseram todo o seu empenho, toda a sua vontade na luta, contra os campeões nacionais, conquistando um triunfo que ficará a ilustrar a história do «basket-ball» português como acontecimento de grande vulto.

É preciso, realmente, uma dose enorme de vontade, para vencer um Vasco da Gama em plena pujança de recursos e a lutar com alma extraordinária e apoio valioso do público, disse-lhe fanatizado, que nunca lhe regateou aplausos. Mas os lisboetas tudo superaram — naquela segunda parte memorável, plétórica de energia e de vontade. Quando, ao intervalo, os vascos tinham 19-17 (dois escasos pontos de vantagem, insuficientes para triunfar) esperava-se que o Carnide succumbisse — pela primeira vez no Porto. Não succedeu, porém, assim: e a luta mudou de feição, pois os carnidenses impuseram-se de maneira brilhante e acabaram triunfantes, por 41-33, honrando novamente o desporto lisboeta. De tal forma — que o público e o próprio adversário não lhe regataram aplausos.

O Carnide, campeão de Portugal pela sexta vez em onze anos (de 1934 a 38, em 41 e agora) bem merece este triunfo, corolário para a má sã que o perseguiu no torneio regional. E os seus jogadores poderão aperceber-se do significado da vitória, ao chegarem a Lisboa, recebidos em ambiente de verdadeira «poteose».

Na lista dos campeões figuram:

- 1932-33 — Camp. Lige (o)
- 1933-34 — Sp.ri Combricense.
- 1934-35 — União Li-bo.
- 1935-36 — Carnide.
- 1936-37 — Carnide.
- 1937-38 — Carnide.
- 1938-39 — Belenenses.
- 1939-40 — Benfica.
- 1940-41 — Carnide.
- 1941-42 — Vasco da Gama.
- 1942-43 — Carnide.

(a) Pela extinta Liga.

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

ATLETISMO — Nos campeonatos regionais do norte, categoria de principiantes, bateram-se os records locais de 1.000, 3.000 e 5.000 metros, páte e dados. O F. C. Porto foi o primeiro da classificação geral, com seis títulos e 35 pontos.

«BASKET-BALLS» — Succedendo ao Ateneu Ferroviário, o Belenenses voltou a ganhar o campeonato feminino de Lisboa, sem ter sofrido a derrota.

«BOXING» — O espanhol Alpahez foi proibido pela F. P. de combater em Portugal.

— No Campo Pequeno, a porta fechada, prestaram provas os dois «boxeurs» moçambicanos, Justino e Gomes, com vista à sua qualificação como profissionais.

CAMPISMO — Abriu, no Porto, a 1.ª Exposição Nacional de Campismo.

CICLISMO — Inácio e o Sporting ganharam o Circuito da Beira-Mar, classificando-se, ainda, nos lugares de honra: Aristides, Rebelo, Jacinto e Iluminado.

CICLO-TURISMO — O III campeonato de Lisboa foi ganho por Justino Correia, do Benfica, com 72 pontos no conjunto das três provas: 8x30x33. Maria Manuela de Melo, também do Benfica, venceu a prova femininas, com 509 pontos (177x216x116).

COELENTOURISMO — O Rio São Sporting Clube celebrou as suas Bodas de Prata com várias solenidades e a estreia do grupo folclórico «Marias de Portugal», privado da colectividade.

— 72 atletas do Belenenses foram homenageados por terem conquistado títulos de campeões regionais na última época.

«GOLFS» — Artur Mariani 1.º e Manuel Teixeira Lopes ganharam o torneio de Miramar.

— O «match» Suécia-Dinamarca, disputado em Copenhagen, foi ganho pelos dinamarqueses, por 7-5.

«HOCKEY» EM PATINS — O Estrela e Vigorosa venceram um torneio efectuado no Porto, conquistando a taça «António Teixeira».

NATAÇÃO — Num festival que o Estoril Praia promoveu em Alcabala, bateram-se os records nacionais de 1.500 e 3x100 m. livres (principiantes), 300 m. costas (juniores) e 300 m. brucos seniores estabelecendo-se ainda os seguintes: 200 m. costas (p.), 500 m. brucos (j.), 500 m. livres e 500 m. brucos (s.).

— O Pedrouços organizou o seu 5.º festival da época.

TIRO AO ALVO — Inaugurou-se a carreira da F. N. A. T., instalada no campo «Afonso de Albuquerque», em Belem.

— Antero Lopes, do Benfica, venceu o torneio ludi-

CICLISMO NO PÓRTO

A equipa Lopes-Lourenço ganhou a corrida das 2 horas à americana. Raposo-Martins venceram a «perseguição»

A PESAR-DAS inúmeras dificuldades que surgiram, agravadas ainda com a circunstância de alguns corredores do Porto alegarem estar doentes, o festival marcado para domingo, na pista do Lima, com o fim de se fazer a apresentação dos ciclistas que estiveram em Espanha, sempre se efectuou, como fora anunciado. Esse festival, porém, nem decorreu com o brilhantismo que seria para esperar, nem as provas possuíram valor que correspondesse à classe e às responsabilidades dos corredores que nelle tomaram parte.

Podem atribuir-se semelhante falta de animação — que por sinal deixou o público bastante descontente, em primeiro lugar pelo calor sufocante que fazia no recinto do Lima, o que tornou por vezes penosa a tarefa dos ciclistas, e depois pelo facto da equipa mista, logo nos «sprints» iniciais, ter demonstrado nítida superioridade, que lhe assegurou rapidamente a vitória, ponhando-lhes, assim, o trabalho de ter de lutar mais afinadamente para a conquista do triunfo. E como as restantes equipas do Porto não tinham possibilidades de dar, com êxito, réplica aos lisboetas, e o duo Martins-Raposo, embora experimentasse a marcha a princípio, também cedo se compenetrasse de que seria segundo classificado, a corrida «à americana» decorreu monótona e teve valor escasso.

Apenas 68,70 quilómetros percorreram todas as equipas nas duas horas de prova, o que é pouquíssimo, atendendo mesmo às condições climáticas do dia. Mas, mais do que a baixa média atingida, o que pior impressionou o público foi a falta de combatividade dos lisboetas. E assim, uma reunião velocipédica que se previa animada, resultou em três provas de valor mediocre pouco habituais entre nós, sobretudo quando nelas participam corredores da classe dos que se deslocaram no domingo à capital nortenha...

Disputaram-se duas eliminatórias de perseguição nas quais se encontraram Lourenço-Lopes com Aniceto-J. Moreira e Martins-Raposo com Belmiro-Souto. O par Lourenço-Lopes, rolando «à vontade», venceu a sua série em 6^m 2^o 25. Distância percorrida: 4068 metros. Na segunda série triunfou o duo Martins-Raposo, no belo tempo de 5^m 56^s. Como a classificação era feita pelo melhor tempo, foi esta a equipa vencedora absoluta da corrida.

Depois de ser prestada aos corredores internacionais significativa homenagem pelas equipas do Académico e do Porto, que entregaram aos lisboetas dois lindos ramos de flores, a atestar a simpatia dos ciclistas nortenhos pelo seus companheiros de Lisboa e pelos triunfos obtidos no estrangeiro, alinharam para a corrida das «2 horas à americana» os seguintes corredores:

Lourenço-Lopes; Martins-Raposo; Aniceto-J. Moreira; Belmiro-Souto e Vieira da Costa-Mário Cunha.

Na primeira meia hora apenas houve digna de registar uma tentativa de fuga de Aniceto e outra de Martins, mas que foram neutralizadas por Lourenço e Lopes, o primeiro a «rolar fundo» e o segundo em perseguições curtas mais eficazes.

Os dois primeiros «sprints» foram ganhos

FLECHA

É A BICICLETA DOS CAMPEÕES

vidual promovido pelo G. D. da F. N. Industriais de Moagem.

TIRO A CHUMBO — Começaram no «estado da Quinta de Salgueiros, no Porto, os «Grandes Torneios de Verão do Norte de Portugal», dotados com prémios no total de oitenta mil escudos.

VELA — O Naval de Cascais fez disputar várias regatas que concorreram os nossos melhores velejadores.

por Lourenço, não se tendo o F. C. P. classificado em nenhum deles por fazer rendição numa altura em que isso era interdito.

No fim de uma hora de prova mantinha-se já vencedora a equipa mista, com o máximo de pontos: 12. Seguiam-se a equipa da Iluminado, 9 pontos; Académico B, 5 pontos e Porto e Académico A, cada um com dois pontos.

Embora Martins insistisse, por vezes, no ataque, e os corredores também por vezes ficassem escalonados pela pista, ninguém conseguiu isolar-se, e, assim, chegou-se ao final com todas as equipas em igualdade, no número de voltas.

A equipa B do Académico desistiu por inferioridade e Lope e alternado com Lourenço nos últimos «sprints» consolidaram a sua vitória, enquanto Martins e Raposo adjudicavam o segundo lugar.

Resultado: 1.º Lourenço-Lopes, 26 pontos, 152 voltas; 2.º Martins-Raposo, 21 pontos; 3.º Aniceto-J. Moreira, 10 pontos; 4.º Belmiro-Souto, 7 pontos.

A equipa do Porto teria de certo ficado a menor distância dos segundos classificados se uma avaria não tem inibido Moreira de participar no terceiro «sprint». Os académicos em dia a «carburar» mal, não deram o rendimento que lhes é peculiar.

Público em número relativamente deminuto, mas algo inconformado com as decisões do júri.

GIL MOREIRA

Lopes-Martins contra Lourenço-Inácio no domingo, no Velódromo do Lumiar

É já no próximo domingo que correrão no velódromo do Lumiar os melhores ciclistas portugueses, integrados nas respectivas equipas dos seus clubes. Assim, teremos, numa prova à americana de duas horas, o duo Lourenço-Inácio contra Lopes-Martins, os primeiros envergando a camisola do Sporting e os segundos vestindo o «jersey» branco e azul da Iluminado.

A competir com estas duas equipas ver-se-ão os agrupamentos Raposo-Jacinto, José Ferreira-Pardal, Aristides-Rebello e Bartolomeu-Tálio. Ao todo seis equipas, algumas de valor muito aproximado, o que tornará a luta emotiva e de resultados incertos.

GÜNDER HAEGG

conquistou novo triunfo

IMPRESSONANTE esta actividade vitoriosa do sucoo Gunder Haegg, acumulando triunfos, batendo «records», creditando-se como atleta de fama e importância no desporto mundial.

Haegg, aceitando um convite para correr na America do Norte, disputou na cidade de Cleveland (Ohio) a corrida da milha e obteve magnífica vitória, pois cobriu o percurso em 4 m. e 54 segundos.

Haegg tem 23 anos. Embora correndo poucas vezes, segue no entanto permanente preparação, sendo-lhe apontada a sua predilecção pelo grandes estagios nas montanhas.

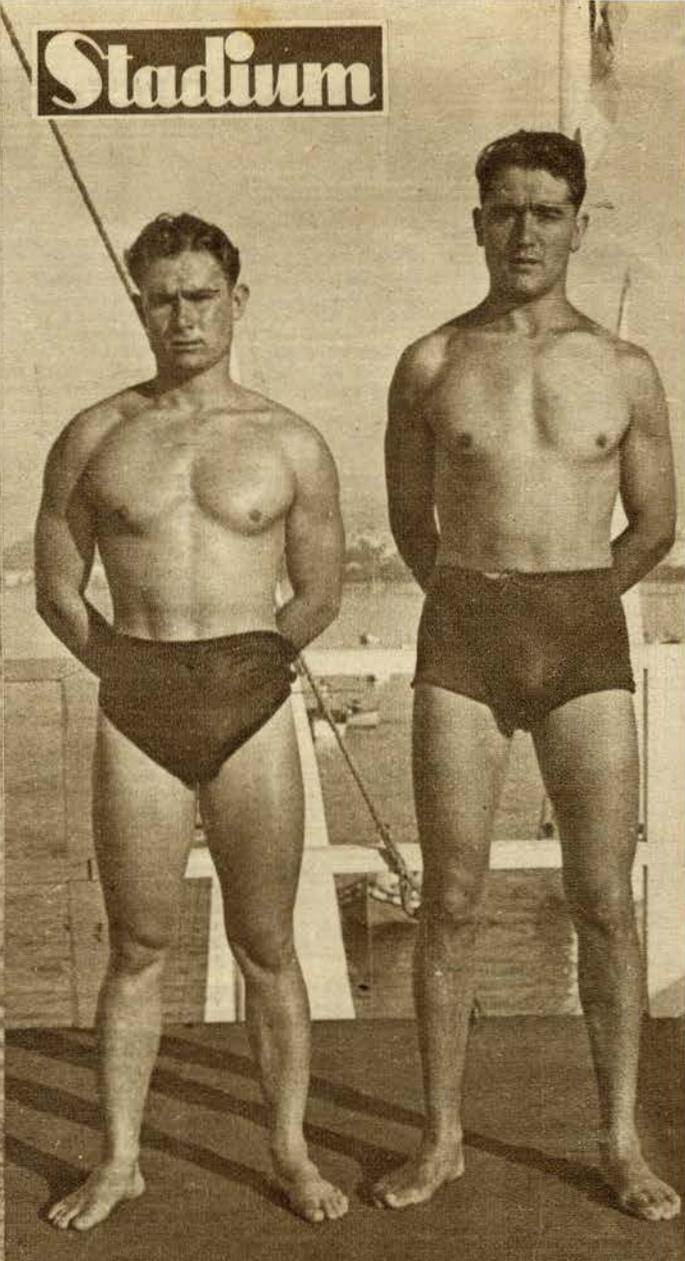
Pertence-lhe a proeza de no espaço de pouco mais de duas semanas ter batido quatro «records» mundiais.

Pouco a pouco o grande atleta sueco tem destruído os mais famosos «tempos», especialmente entre os 1.500 e 5.000 metros.

Até agora a sua melhor época — considerada triunfal — foi a de 1942. Mas de então para cá tem aumentado a sua celebridade, a que de facto corresponde admiravelmente, permitindo que o seu nome se ligue ao de Paavo Nurmi, o grande corredor finlandês.

Haegg é um novo valor do desporto sueco, tomando a vanguarda do valioso grupo de atletas em que figuram Anderson, Kaclarme, Ahlsen e Hellstrom.

Esta sua vitória na América indica-nos a disposição excelente em que se encontra para melhor merecer o título do maior valor no atletismo europeu.



A IX Travessia do Tejo: 1 — Maria Zalia d'Oliveira, do C. N. N., e Maria Helena Lopes, do C. F. B., as duas senhoras que concorreram; 2 — Baptista Pereira e Jofre de Carvalho, do S. C. A., 1.º e 2.º classificados; 3 — A largada; 4 — Fernando Chaves, individual, vencedor na categoria de juniores (fotos Nunes d'Almeida)

